



Discursos e ações dos/as funcionários/as e professores/as à respeito das estudantes lésbicas.

Autora: Leticia Barreto de Oliveira (PIBIC EM - Instituto Estadual de Educação) barreto.leticia@hotmail.com
Orientadora: Aline dos Santos Carolino (NIGS, Antropologia - UFSC).
Coordenadoras do Projeto PIBIC EM: Prof. Dra. Miriam Pillar Grossi e Dra. Alexandra Eliza Vieira Alencar.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca entender a visão dos/as funcionários/as e professores/as, sobre as estudantes lésbicas do Instituto Estadual de Educação. Lesbianidade é o relacionamento afeto-sexual entre duas mulheres. Muitos/as professores/as funcionários/as demonstram incômodo com esse tipo de relação, geralmente buscam o por quê de ser lésbica, bem como há a necessidade de localizar meninas lésbicas na escola, para serem alvo de categorias acusatórias. Tania Navarro Swain (2004, p.35) aponta que “as significações que acompanham a palavra lésbica são sempre negativas: mulher macho, paraíba, mulher feia, mal-amada, desprezada. As imagens revelam dessa forma ou uma caricatura do homem ou uma mulher frustrada”. Isso demonstra que a identidade lésbica geralmente não é mostrada pela indivíduo, o corpo docente escolar busca provar, forçar e/ou localizar a menina no campo das sexualidades (GROSSI, P. Miriam, 2017).

OBJETIVO

Analisar os discursos e ações dos/as funcionários/as e professores/as à respeito das estudantes lésbicas.

METODOLOGIA DE PESQUISA

- Entrevistas com funcionários/as e professores/as;
- Análise corporal dos/as entrevistados/as;
- Observação de campo;
- Revisão bibliográfica sobre professores/as e discursos sobre estudantes lésbicas.

OBSERVAÇÃO

Em um dia no Instituto Estadual de Educação/SC, eu e minha amiga fomos interrompidas por um funcionário, que trabalha no IEE há 30 anos, ele é responsável pelo setor esportivo da escola. Estávamos de mãos dadas e paramos para falar com ele. Olhando nossas mãos unidas, perguntou: “Vocês se amam né?” e continuou: “Para estarem juntas”, em seguida percebi que reparou a aliança na mão dela e olhou na minha para ver se tinha um anel. Instantaneamente mudou de assunto, passando a falar do suposto “namorado” da minha amiga, sempre falando com convicção de que era um *namorado*.

No entanto, ela é lésbica e preferiu não contradizer o senhor, que se referia à sua namorada como um garoto. Assim que tive a oportunidade, o corrigi, acrescentando que minha amiga tem uma *namorada*. O senhor ficou confuso, notei em seu semblante que ele expressou insatisfação, tossiu sem jeito. Partindo à nos explicar que aos 14/15 anos a menina começa a beijar e ficar com o garoto que acha bonito, depois de um período juntos o casal parte para a relação sexual, porém a mesma não sente prazer, mas dor.

Então vai contar para a amiguinha a situação, é aí que elas tentam transar para ver como é, percebem que não dói, assim que existem garotas e mulheres lésbicas. Nesse momento minha amiga o contrariou, relatando que nunca teve relação com homem, simplesmente sente atração pelo mesmo sexo. O senhor ficou confuso, argumentou que nesse caso entram outros fatores.



Instituto Estadual de Educação.



Representação da visão dos/as funcionários/as do Instituto Estadual de Educação sobre as estudantes lésbicas.

ENTREVISTAS

Conversei com um professor de matemática e de história que atua na rede estadual há 15 anos. Ele disse que percebeu que as estudantes se sentiam mais livres para expressar a lesbianidade no ambiente escolar, no entanto eram seguras só com os/as demais estudantes, os/as professores/as comentavam não ter problema algum, desde que ficassem longe, eles/as não se julgavam preconceituosos/as.

Comentou que no IEE tem colegas de trabalho que são lésbicas, afirmando que não é uma escolha: “A pessoa nasce assim, algumas descobrem depois que podem brigar contra a sociedade para ser feliz” indaguei o por que da briga com a sociedade, ele me responde que: “A sociedade vai te punir, mas a certo nível você deve quebrar barreiras e se assumir, estando preparado psicologicamente para levar muito corte, preconceitos, para ser ignorado, perder companhias, ser despedido do emprego... eu tenho muitos conhecidos que só após terem emprego sólido se permitiram assumir”.

O segundo entrevistado foi um senhor da manutenção escolar que trabalha há 12 anos no IEE. Perguntei se houveram mudanças em relação aos estudantes, ele disse que com o tempo os jovens passaram a se mostrar mais rebeldes, meninas usam roupas de meninos e meninos tem jeito de menina, gostam de ir pra escola com o cabelo “espantado”, alguns parecem querer trocar de lugar. Enquanto a menina usa roupa larga, o menino, por vezes, está com calça colada e sandália delicada.

Perguntei por que as meninas se vestem de menino, ele me responde que hoje em dia virou moda, brincar de ser menino, experimentar paqueras entre meninas, acontece por uma fase e depois passa, comentei que já vi funcionárias da escola que tem namoradas, ainda que sejam mais velhas, “Isso quer dizer que a fase delas não acabou ainda?” Ele me respondeu que quando jovens foram *mal comidas* ou *maltratadas* por homens e por isso buscaram relação com outra mulher.

Entrevistei uma senhora que opera na área de limpeza da escola há 5 anos. Me apontou um banco do pátio e disse: “Hoje mesmo vi duas meninas se agarrando ali”. Eu perguntei se isso era incômodo, por duas pessoas estarem se beijando e abraçando ou por serem duas garotas fazendo isso. Ela me responde que: “Não, se fosse namorados tudo bem, mas duas moças isso é pecado, uma delas ainda era bem *machorra*, mas a outra era uma *mocinha*”. Falei que elas são lésbicas, porque gostam de uma pessoa do mesmo sexo e perguntei: “Será que elas escolheram ser assim?” Ela me respondeu que muitas vezes quando a menina está na fase infantil sofre algum abuso de homem, isso deixa ela com medo, quando chega a idade de *namoricos* vai por um caminho que não demonstre ameaças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa vi que existe resistência de muitos funcionários/as e professores/as em verem as estudantes lésbicas como elas realmente são, eles/as estão empregados há muitos anos e tem, em sua maioria, uma opinião negativa e ultrapassada sobre essas estudantes, assim acabam externando olhares, ações e discursos julgadores as meninas. Os/as professores/as e funcionários/as demonstram insatisfação com a relação afetiva entre elas, geralmente buscam o por quê de serem lésbicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARRARA, S. L. (Org.); HEILBORN, Maria Luiza (Org.); ARAÚJO, L. (Org.); ROHDEN, Fabiola (Org.); BARRETO, A. (Org.). Gênero e Diversidade na Escola - Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais: “Diferentes, mas não desiguais!” e “Viva a diferença!”. Rio de Janeiro; Brasília: CEPESC; Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2009.
- GROSSI, Miriam Pillar *et al.* Sexualidades, Juventudes e práticas docentes: Uma etnografia da educação básica em escolas públicas de SC: **Representações de professoras e professores sobre homossexualidades, travestilidades, lesbianidades e homofobia**. copiar: Tribo da ilha, 2017.
- NAVARRO, S. Tânia. **O Que É Lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

REALIZAÇÃO:



APOIO:

